

Provérbios populares no currículo: promoção da cultura da paz no oeste da África

Popular sayings in the curriculum: promoting peace culture in west of Africa

Proverbios populares en el currículo: promoción de la cultura de paz en el oeste de África

Roseane Maria de Amorim¹
Laura Cristina Vieira Pizzi²
Giovanna Del Gobbo³

Resumo: Este estudo procura realizar a análise de um documento intitulado “Guia prático de mecanismos endógenos de prevenção, de gestão, de resoluções de conflitos no Oeste da África”, por meio de uma pesquisa internacional, viabilizada pela criação de uma Comunidade de Prática (CoP) online. De tal forma, reflete os provérbios trazidos no documento, bem como seu potencial para construção da paz no continente africano. Em termos metodológicos, estamos filiadas aos estudos culturais e pós-estruturalistas do currículo, que procuram visualizar o conhecimento e o currículo como ferramenta discursiva construtora da identidade dos sujeitos e como memórias coletivas de um determinado grupo social. Os resultados indicam que os provérbios africanos podem ser um componente fundamental para se pensar sobre a cultura da paz no currículo de instituições escolares ou não, dependendo da intencionalidade, agindo também para a valorização da cultura e a identidade dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Comunidade de Prática. Cultura da paz. Currículo. Oeste da África. Provérbios.

Abstract: This study seeks to perform the analysis of a document entitled “Practical Guide of endogenous mechanisms for the prevention, management, resolution of conflicts in West Africa”, through an international research conducted by the creation of a Community of Practice (CoP) online. As such, it reflects the sayings brought in the document as well as its potential for peace building in Africa. In terms of methodology, we are affiliated to the cultural and poststructuralist studies of curriculum, seeking view knowledge and curriculum as discursive tools that build identities of individuals and as collective memories of a particular social group. The results indicate that African sayings can be a fundamental component to think about culture of peace in the curriculum of educational institutions or not, depending on the intent, also acts for valuing the culture and the identity of those involved.

Keywords: Community of Practice. Culture of peace. Curriculum. West Africa. Sayings.

Resumen: Este estudio pretende realizar el análisis de un documento titulado “Guía práctica de mecanismos endógenos de prevención, de gestión, de resolución de conflictos en el Oeste de África”, por medio de una investigación internacional, viabilizada por la creación de una Comunidad de Práctica (CoP) online. De tal forma, refleja los proverbios traídos en el documento, bien como su potencial para la construcción de la paz en el

¹ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Setor Fundamentos da Educação. E-mail: roseanemamorim@gmail.com

² Professora do Centro de Educação e do PPGE da UFAL. Áreas de atuação: Currículo e trabalho docente. E-mail: lcvpizzi@hotmail.com

³ Pesquisadora da Universidade de Florença na área de Pedagogia Social e de Educação de Jovens e Adultos. E-mail: giovanna.delgobbo@unifi.it

continente africano. En términos metodológicos, este trabajo está vinculado a los estudios culturales y posestructuralistas del currículo, que procuran visualizar el conocimiento y el currículo como herramienta discursiva constructora de la identidad de los sujetos y como memorias colectivas de un determinado grupo social. Los resultados indican que los proverbios africanos pueden ser un componente fundamental para pensar sobre la cultura de paz en el currículo de las instituciones escolares o no, dependiendo de la intencionalidad, actuando también para la valorización de la cultura y de la identidad de los sujetos involucrados.

Palabras-chave: Comunidad de Práctica. Cultura de paz. Currículo. Oeste de África. Proverbios.

O contexto da pesquisa: apresentando a problemática

É notável a centralidade que a cultura assume nas pesquisas nas últimas décadas. Salientamos que não é possível compreender ou, pelo menos, pensar sobre os problemas que assolam o mundo, desvinculando-se dos estudos sobre os diferentes modos das pessoas e dos grupos sociais viverem. Nas palavras de Amorim (2011, p. 139), esses modos, digam-se, “as culturas (e não cultura) são artefatos produtivos, imprevisíveis, são práticas de representação, são jogos simbólicos permeados por forças diversas que estruturam e hierarquizam as coisas na sociedade”. Sendo assim, pensar sobre as sociedades é analisar os diferentes modos de ser e de fazer as coisas.

Por outro lado, é importante salientar que no estágio em que se encontra o Planeta Terra, não é possível pensar uma sociedade sem conflitos e, tampouco, pensar que a questão de classe não seja um elemento importante no sistema econômico em que vivemos. O que temos hoje são oportunidades de uma democracia pluralista que, dia a dia, têm-se fortalecido em algumas partes do planeta, às vezes, de forma precária, outras vezes, com maior equidade social. Nesse sentido, entendemos a questão da paz e dos direitos humanos como uma questão de interdisciplinaridade e de interculturalidade. A interculturalidade implica compreender que os seres humanos constituem sua identidade na sua relação com outros seres humanos, em determinados contextos culturais e naturais nos quais se situam e as condições que esses ambientes propiciam, para uma vida digna e justa (CARBONARI, 2012).

Este estudo foi realizado através de análise documental como parte de uma pesquisa internacional sobre a valorização da cultura tradicional africana para promover a educação da paz. Essa pesquisa foi viabilizada através de uma Comunidade de Prática (CoP) não presencial,

criada e discutida durante o *Luanda Forum*, realizado em 20 e 21 de setembro de 2013⁴ em Addis Ababa (Etiópia), organizado pelo Departamento da África da UNESCO, o *Félix Houphouët-Boigny Foundation for Peace Research and the African Union*. Nesse encontro, que contou com representantes de 26 fundações e institutos de pesquisa, localizados em 20 países Africanos e em Universidades Africanas, ficou decidida a criação de uma rede com o objetivo de promover a cultura da paz na África, como forma coordenar suas operações e implementar projetos em parceria. Esse formato foi considerado adequado para atingir os objetivos do *Luanda Action Plan* e um dos objetivos que diretamente interessava ao Departamento da África da UNESCO era a mobilização de pesquisas científicas e inovação tecnológica, implementadas pelas Cátedras da UNESCO de Universidades Africanas e outras Cátedras da UNESCO no mundo, tais como a *Transdisciplinary UNESCO Chair on Human Development and Culture of Peace* da Universidade de Florença.⁵

Essa Cátedra da UNESCO com sede em Florença, graças à experiência adquirida nos anos trabalhando com o tema da paz e do desenvolvimento, apresentou a proposta de uma comunidade online, a Comunidade de Prática (CoP) como uma ferramenta de pesquisa em rede, para facilitar as discussões e compartilhar reflexões importantes que emergiram durante o Fórum de Addis Ababa. A CoP foi implementada no período de 2014 e 2015 pela Cátedra Transdisciplinar da UNESCO com sede em Florença, juntamente com o Departamento da África e o *Intersectorial and Interdisciplinary Programme of Action for a Culture of Peace and Non-violence* em colaboração com a *Network of Foundations and Research Institutions Promoting a Culture of Peace in Africa*.⁶

⁴ Em março de 2013 a UNESCO organizou o Fórum “Africa Union and Angola government a Pan-African”. Esse fórum teve o objetivo de promover os recursos naturais e humanos e todas as formas de cultura africanas em perigo e que inspirem propostas concretas para construir o desenvolvimento sustentável e a cultura da paz, uma vez que a paz é o ponto chave do desenvolvimento endógeno e do Pan-Africanismo.

⁵ A Cátedra de Florença foi convidada ao encontro e é membro da *Network of Foundations and Research Institutions Promoting a Culture of Peace in Africa*. A Cátedra foi dirigida pelo Prof. Paolo Orefice de 2006 a 2015. Atualmente é dirigida pelo Prof. Paolo Federighi. Giovanna Del Gobbo colabora com a Cátedra desde sua criação e é Coordenadora oficial desde 2011. A UFAL colabora com a Cátedra desde 2012, através de acordo de cooperação técnico-científica.

⁶ No primeiro ano da CoP participaram as seguintes instituições: Cátedra Transdisciplinar da UNESCO em “Desenvolvimento Humano e Cultura da Paz”, Universidade de Florença (Itália); Cátedra UNESCO em Cultura da Paz, Universidade de Cocody, Abidjan (Costa do Marfim); Universidade pela Paz (UPEACE), (Costa Rica/Etiópia); Cátedra UNESCO para a Cultura da Paz, Resolução de Conflitos, Direitos Humanos, Democracia e Boa Governança, Universidade de Kinshasa (República Democrática do Congo); Centro Internacional para Pesquisa e Documentação em Tradições e Línguas Africanas (CERDOTOLA), Yaoundé (Camarões). A Cátedra UNESCO de Florença envolveu os membros do Grupo de Pesquisa do CNPq do PPGE/UFAL “Currículo, atividade docente e subjetividades” (Brasil), através de acordo de cooperação técnico-científica.

No contexto da CoP, foi proposto um Projeto de Pesquisa Ação Participante sobre o Humanismo Africano e seus conhecimentos para a paz e o desenvolvimento em equilíbrio com a natureza em um contexto de humanismo eco planetário. As discussões foram iniciadas e compartilhadas pela Cátedra da UNESCO em Cultura da Paz da Universidade de Cocody (Abidjan, Costa do Marfim), através do “Projeto de Pesquisa-Ação em métodos endógenos para prevenção e resolução de conflitos na África e contextos Panafricanos para prevenção e resolução de conflitos na escola e na Universidade”.

A Comunidade de Prática foi escolhida como modalidade de trabalho e pesquisa dada a sua natureza. A comunidade nasce livremente e sem qualquer hierarquia, em torno de problemas e interesses compartilhados e se alimenta de contribuições recíprocas (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002), que duram enquanto perdurarem esses interesses. A finalidade da CoP é o aprendizado coletivo e compartilhados de saberes construídos em conjunto em um espaço concreto de interação, se valendo de vários meios de comunicação e interação.

No caso desta pesquisa, se trata de uma *comunidade online* de pesquisadores, dada a abrangência de países envolvidos. Seu objetivo é promover pesquisas e reflexões coletivas sobre determinado tema, independentemente da nacionalidade e localidade dos pesquisadores. Essa interação é possível pela criação de um *site online* que permite acesso a dados e documentos disponibilizados para os membros da CoP, com o intuito de fomentar análises e debates.

Para tanto, essa CoP (*Community of Practices - African Humanism for Peace with Eco-human Development Transdisciplinary Participatory Action Research on Traditional and Innovative Knowledge*) propôs um projeto que visou desenvolver uma pesquisa que analisasse o conhecimento humanista africano expresso nos ditados populares e suas possibilidades como promotores de uma concepção sustentável de paz (OREFICE, [s.d.]), que parta da própria cultura em questão. Segundo o autor, a CoP adota práticas de pesquisa entre diferentes atores, com base em suas diferentes experiências mantendo o foco central da proposta. Nesse sentido, no contexto do site online da CoP, foi possível identificar problemas, analisar temáticas, textos e ponderar e propor soluções possíveis ao contexto africano em questão. Através de uma proposta de pesquisa participante, incluindo representantes africanos, os diferentes atores envolvidos tiveram a oportunidade de construir saberes com potencial de colaborar na solução de problemas cruciais envolvendo a promoção da paz.

Nesse quadro de referência geral, o estudo especificamente apresentado aqui é resultado da colaboração entre a UNESCO e a Cátedra de Florença e o Grupo de Pesquisa do CNPq-PPGE da UFAL. As reflexões buscaram interpretar os ditados apresentados nos documentos compartilhados no site da CoP, pensando nas suas implicações e usos na promoção de uma cultura da paz.

Ao analisar os ditados, nos preocupamos também em pensar em seus possíveis usos alternativos, que permitam transformar o conhecimento e a realidade em que são utilizados, como guias que promovam ações responsáveis em direção ao desenvolvimento de uma cultura da paz nos contextos em discussão. Em particular, a pesquisa identificou dois principais focos: a possibilidade de transformação de práticas não apenas em elementos de conhecimentos para serem disseminados na sociedade em geral, mas principalmente aquelas que podem ser transformadas em práticas educativas em todas as suas modalidades de ensino, através do currículo formal, não apenas na África, mas em outros países, através de estudos comparativos no campo da educação. Dessa forma, atinge também outro objetivo do Fórum de Luanda, que seria o de validar saberes locais em uma perspectiva global, promovendo oportunidades não apenas de aprendizagem, mas também a possibilidade de desenvolver, disseminar e interpretar saberes relevantes para os propósitos do desenvolvimento e da paz, mas que têm permanecido à margem das sociedades como um todo.

Portanto, essa discussão apresenta as análises de um documento específico, disponibilizado pela Cátedra UNESCO da Cultura da Paz da Universidade de Cocody. Trata-se de um documento que apresenta o uso de provérbios e outros elementos pertinentes aos diversos povos africanos na construção de uma cultura de paz no continente africano. O documento é um guia prático de prevenção, de gestão e de resolução de conflitos na África. Para tanto, analisamos uma proposta escrita, mas pensada em momentos diferentes, que mostra a efervescência das políticas para a construção da paz no continente africano. Como afirmam Lüdke e André (1986, p. 39), “persistindo ao longo do tempo os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos”.

Para a análise documental, decidimos, em um primeiro momento, quais seriam os documentos analisados e o que iríamos buscar em cada um deles. No decorrer da análise documental, fomos fazendo anotações à margem do próprio material, para, em seguida,

montarmos diagramas e esquemas com o objetivo de síntese e construção de reflexões específicas.

Depois de organizado o material, realizamos inúmeras leituras e releituras, tentando detectar as temáticas mais frequentes relacionadas com a discussão estudada. Na elaboração dos estudos, procuramos encontrar os aspectos recorrentes que apareciam e reapareciam em contextos variados com certa regularidade. Após essa etapa, procuramos fazer uma análise desses discursos, buscando o sentido que eles tinham para nossa pesquisa, partindo-se do confronto do aporte teórico adotado e com o contexto histórico e cultural do continente.

Em termos gerais, realizamos os seguintes passos no sentido de guiar a nossa análise: (1) leitura fluente do documento e (2) produção de quadros comparativos e de esquemas. Cada questão do documento analisado foi marcada com cores diferentes, visando facilitar a análise.

Nessa linha de pensamento, indagamos: é possível afirmar que as sugestões apresentadas pelos provérbios e por outros elementos da cultura africana têm contribuído para a construção da paz no continente africano? Ou ainda, em que medida é possível afirmar que a paz no continente africano tem sido alcançada com a ajuda dos estudos dos provérbios?

Sabemos, por sua vez, que a análise documental não permite um conhecimento aprofundado do que foi ou do que é vivido. Isto é, há, notoriamente, dificuldades de se compreender as dinâmicas produtivas do cotidiano, quando apenas se tenta dizer como os comportamentos devem ser e precisam ser regulados, sem que se entenda o porquê de as pessoas serem do jeito que são “e como se constituem no cotidiano das relações sociais concretas”, assim como as direções políticas, culturais e econômicas (LOPES, 2006, p. 631).

Para alcançarmos tais propósitos, organizamos o texto da seguinte maneira: a primeira parte ocupa-se da discussão sobre os provérbios, tendo como objetivo problematizar esse gênero textual e sua contribuição para a cultura africana. No segundo momento, foi feita a descrição do documento, enfatizando o papel das tradições nas sociedades africanas. Nesse ponto, fizemos algumas ponderações em relação à proposta produzida para a construção da paz no continente. Neste texto, optamos pela escolha da análise apenas dos provérbios em razão da complexidade de trabalhar todos os gêneros presentes no documento.

Os Provérbios e as identidades culturais

Podemos afirmar, para início de conversa, que os provérbios têm características desconhecidas, indefinidas e autônomas. Historicamente, os provérbios surgiram em várias

partes do globo. No Egito antigo, há indícios de seu aparecimento por volta de 2.500 a.C., mais ou menos no mesmo período em que surgiram na Índia e na China. Ainda, é importante afirmar que estes, como textos orais, não apresentam características definidas. Além disso, apresentam forte valor cultural, pois permitem conhecer aspectos culturais de um povo, como pensam e o que preservam. Por tudo isso, os provérbios são passados de geração em geração e oferecem um vasto campo de pesquisa (FERREIRA; VIEIRA, 2013).

Por ser uma expressão que se fixa na memória e é passada de geração em geração, normalmente, é um anúncio breve, com sentidos sentenciados e com certa autoridade – pois não deixa margem para contestação –, mesmo sem a autoria revelada. Além disso, são verdades gerais fundadas nas experiências de vida e são essencialmente orais, conforme salientam Ferreira e Vieira (2013).

Por fazerem parte de uma cultura oral, os provérbios, muitas vezes, são empregados com o intuito de expressar crenças, com pontuações sobre determinadas situações, como um momento de recreação ou, ainda, como estratégia de intervenção do sujeito no mundo. Nesse sentido, nas sociedades atuais, os provérbios também podem ser utilizados como crítica social e política, servindo de argumentação para vários temas.

Geralmente, os provérbios são utilizados por diferentes pessoas em contextos cotidianos. Pesquisadores, estudantes, políticos ou pessoas da comunidade em geral utilizam os provérbios como epígrafes em trabalhos acadêmicos ou outros materiais (por exemplo, jornais, revistas etc.).

Em relação às temáticas, os provérbios abarcam as mais diversas situações e, de modo geral, podem tratar de comportamentos, atitudes e ações focadas em determinadas virtudes, fazendo críticas a algumas maneiras de pensar e ser. Muitas vezes, busca-se inspiração na natureza para a sua construção. Contudo, varia de cultura para cultura, utilizando-se de expressão metafórica, ou seja, de figuras de linguagem.

Por serem expressões orais, os provérbios encontram espaços nas culturas populares. No caso dos povos africanos, a cultura oral sempre fez parte da vida do continente. Logo, os provérbios representam espaços de aprendizagem e da preservação cultural de forma contundente. Na cultura africana, é comum a proeminência dos *griots* (contadores de histórias que dominam determinadas sabedorias). Como afirmam Serrano e Waldman (2007, p. 95), “os griots resguardaram, vasto repertório de contos, provérbios e relatos de históricos, possuindo um *status* social especial, conferido pela tradição e honorabilizado desde tempos imemoriais”.

Por outro lado, os autores supracitados afirmam que os europeus interpretaram a linguagem oral como sinônimo de analfabetismo, e não como uma modalidade social de comunicação. Nessa perspectiva, olhavam os diversos povos africanos como grupos primitivos, sem história e incivilizados.

Ante tudo que foi mencionado, percebemos que os provérbios podem ser usados como intercâmbio de ideias e como estratégias de dominação ou de libertação, a depender do contexto em que são empregados pelas pessoas.

Assim, podemos dizer que, tanto os provérbios quanto os outros elementos da tradição dos povos africanos, têm o efeito de produzir sentidos, aprimorar os laços de solidariedade entre os grupos, fazer alianças, estabelecer contatos e sociabilizar os aprendizados entre as diversas gerações. Esses elementos fazem parte da África que ainda podemos chamar de tradicional.

Como advertem Serrano e Waldman (2007), quando nos referimos à África tradicional, estamos trabalhando com dois conceitos antagônicos. A modernidade e o tradicional, ou vice-versa. No campo das Ciências Sociais, a Modernidade constitui-se por um sistema surgido após a Idade Média, que se caracteriza pelo processo de industrialização, civilização e progresso da humanidade.

Não obstante, não podemos esquecer que, quando nos referimos à África tradicional, o continente africano é “clivado pela pluralidade e por uma vigorosa heterogeneidade de manifestações culturais [...]”, conforme salientam Serrano e Waldman (2007, p. 126). Sendo assim, os provérbios também podem ser utilizados como elemento de dominação, dependendo do interesse político de quem o utiliza.

Por outro lado, embora a modernidade tenha imposto uma série de mudanças nas sociedades africanas, as representações do mundo tradicional não podem ser abolidas sem deixar rastros, e não deixam de ser elementos de referência para os diversos povos. Daí a sua importância para a construção de uma sociedade pacífica.

Com o objetivo de ilustrar os argumentos acima, podemos afirmar, por exemplo, que a identidade africana “está centrada no núcleo familiar” (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 129). Devemos entender por família um conjunto de pessoas formadas por parentes diretos (pai, mãe e irmão) e parentes indiretos (tios, primos e avós). Vale ressaltar que as palavras que se referem a primos e primas, ou tios e tias, não existem em muitas línguas africanas, embora façam parte da família. Em outras palavras, a família africana é uma categoria ampla e extensa.

Essa característica explica, em parte, como um continente resistiu a tanta devastação e exploração ao longo do tempo.

Os laços que unem os indivíduos que têm consciência de pertencimento a uma linhagem ou clã afirmam-se com base em diversas práticas sociais, consolidando um forte sentimento de solidariedade. Essa consciência aprofunda-se a partir dos ritos de iniciação que ocorre desde a mais tenra idade, processando-se a construção de um eu coletivo. Nessa esfera, o indivíduo encontra proteção contra qualquer vicissitude ou perigo vindo 'de fora' do seu grupo, amiúde associados com os estranhos. (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 130).

Seguindo esse raciocínio, nota-se que os mercados e as feiras não são espaços apenas de vendas de produtos, mas lugares de produção de sentidos. Além de desempenhar a função elementar de satisfazer as necessidades básicas, é um espaço de integração, de aprendizagem, de trocas e de conversas. Na verdade, a feira corresponde, ainda hoje, a um evento social em que as crenças e os sentimentos são difundidos do norte ao sul do continente. As feiras locais constituem outro núcleo de integração (fora a família) e de difusão de notícias, de resolução de conflitos e de realização de festas religiosas e acordos políticos.

Nesses espaços, contam-se histórias, atualizam-se informações e repensa-se a vida por meio dos provérbios, que são expressões da cultura. Não podemos esquecer que uma dada realidade é construída, também, por meio do discurso e das relações de poder entrelaçadas por questões políticas, econômicas, sociais, culturais e espirituais em constante fluxo (FISCHER, 2001). Dessa forma, vamos descrever e analisar parte do referido documento.

Provérbios, currículo e identidades

Do ponto de vista educativo, os provérbios podem ser inseridos nas práticas curriculares, escolares ou não, e podem sempre recontextualizar dizeres, concepções e teorias por meio de situações vividas, imprimindo novos significados.

Segundo Sol (2009), os provérbios são impregnados de valores ilocutivos, que visam informar, ordenar, advertir, aconselhar, etc., e de efeitos perlocutivos, que esperam obter determinados resultados pragmáticos de condutas, por meio de convencimento, intimidação, repreensão, educação ou ainda aconselhamentos mediante a memória oral de um povo. Dessa forma, os provérbios retratam certa consciência coletiva de um povo e favorecem certa organização da vida e os sentidos a ela atribuídos, portanto, a sua identidade cultural.

Ao fazê-lo, o currículo forja subjetividades e afirma diferentes identidades, permitindo aos sujeitos se libertarem do poder do outro ou se submeterem ao que foi imposto. Por meio

dessa reflexão, é possível afirmar, com base em Foucault (1986), que cada sociedade apresenta o próprio regime de verdade – o tipo de verdade que é considerado inquestionável. Nessa perspectiva, o referido documento pode ser pensado como uma política regulatória com ideais aparentemente emancipatórios e, dependendo dos interesses, pode promover a aceitação do *status quo*.

Desconfiamos do ideário de que o civismo seja o elemento propulsor para a utilização das tradições africanas, porque, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001), o civismo representa a integração do sujeito ao Estado. Nesse discurso, encontra-se embutida a aceitação do *status quo* e a não criticidade diante dos problemas que assolam o continente. É verdade que a guerra não resolve nossos problemas. No entanto, o não questionamento do que está posto implica a permanência de subordinação de alguns perante aqueles que querem dominar social, cultural e economicamente. O discurso não é somente conteúdo, é o *locus* que forja a prática (FISCHER, 2001). Por isso, deve ser pensado em um contexto mais amplo e complexo, considerando-se que existe uma materialidade, “performatividade” acompanhando os discursos.

Pensamos o currículo vivido (em diversos espaços da sociedade) como espaço de ambivalências, entre um lugar e outro, híbrido, em um jogo em que não há só vitória nem só derrota (MACEDO, 2005). Assim, corroborando Ferraço (2005), compreendemos que os lugares são espaços de negociações e organização social complexa, heterogênea, multidimensional e difusa, em que não se tem apenas rotina, mas criatividade, criação, improvisação, engenhosidade, bem como esperteza e crueldade (AMORIM, 2011).

O documento como guia prático de prevenção, de gestão e de resolução de conflitos na África: o que podemos dizer sobre os ditados populares?

Partindo das premissas teóricas destacadas acima, nosso propósito foi analisar os ditados populares mais comuns utilizados pela população do oeste da África e sua importância no contexto educacional, disponibilizados pelo documento *Guide pratique des mecanismes endogenes de prevention, de gestion et de resolution des conflits en Afrique de l’ouest* de autoria Lezou e Malanhoua (2013). No documento, constam ditados populares que circulam nos cotidianos escolares e no seu currículo oculto, compondo um patrimônio cultural imaterial de grande relevância. Os ditados selecionados no documento foram analisados de acordo com seu potencial de promover a paz, um problema emergencial no continente africano hoje.

Em termos gerais, podemos dividir o documento em cinco partes principais. A primeira parte refere-se aos provérbios; a segunda parte aos contos africanos; a terceira parte às máscaras; a quarta parte ao totem, e a quinta e última parte ao parentesco e às brincadeiras.

Neste artigo, optamos por analisar apenas os provérbios, por serem um gênero diferenciado dos outros textos e pela dificuldade em analisar todos os tipos textuais de uma única vez. No documento, encontram-se, ainda, a capa com a logomarca da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o título, o nome dos dois professores autores da produção e uma introdução. O título traduzido é “Guia prático de mecanismos endógenos de prevenção, de gestão, de resoluções de conflitos no oeste da África”.

Na introdução, o documento começa fazendo referência a *Karoba*, um chefe originário do norte da Costa Africana, precisamente da cultura sénoufo⁷. O autor explica que lá existe um conflito entre a oposição (Nigérios e Autóctone). Segundo o autor, essas sociedades gerenciam valores e mecanismos que consolidam as relações entre os membros apesar das diferenças. Esses mecanismos, ditos endógenos, ou seja, inerentes às suas culturas, têm sido usados como elementos de prevenção e gestão dos conflitos.

Destarte, para os estudiosos, os provérbios são uma forma de linguagem, de aporte geral, que une a moral e expressões de linguagem metafórica que exprimem uma determinada experiência. Os estudiosos também salientam que, nas culturas africanas, o sagrado e a ancestralidade são elementos considerados importantes para o convívio social. Como exemplo, é dada a questão da máscara que, na cultura dos diversos povos africanos, é considerada imortal e atemporal. Em outras palavras, as máscaras têm a capacidade de encarnar a matéria-prima da representação do irreal ao real. Nessa linha de pensamento, as alianças e brincadeiras são um fenômeno social de características estabelecidas por relações humanas e permitem maior aproximação entre as pessoas.

A parte dos provérbios apresenta os seguintes itens: identificação dos mecanismos (apresentação dos provérbios), a explicação, a origem, o funcionamento, a força de criar e os

⁷ “Os senoufo ocupam um território que compreende a Costa do Marfim, o Mali e o Burkinafasso. Cada vilarejo vive concentrado sobre si mesmo, sem preocupações com o mundo exterior. Os casamentos unem, de preferência, as linhagens de um mesmo povoado. Em casamentos que não unem linhagens de um mesmo vilarejo, a mulher casada continua a morar com sua família, vindo o marido encontrá-la duas ou três noites por semana; os filhos pertencem à linhagem materna” (SENUFO, 2005, s/d). Verbete elaborado por José Tiago Risi Leme, estagiário do MAE, 2000-2003. Editado do texto não publicado, intitulado “Aspectos sócio-culturais da arte e cultura das sociedades baulê, senoufo, bambara e dogon”, em 2003.

pontos positivos, as fraquezas e os limites e sugestões para sua utilização. Em outras palavras, o texto vai apresentar os provérbios, identificar a origem, apresentar suas forças e fraquezas e fornecer sugestões de trabalho em espaços escolarizados ou não.

Enfim, é um manual prático, sem complicações, que baliza as pessoas que estão destinadas aos processos educativos diversos. Não apresenta grandes dificuldades para sua aplicabilidade nem requer grandes recursos.

Vejam algumas das sugestões apresentadas pelos autores do documento no Quadro 1.

Quadro 1 – Análise de alguns provérbios salientados no documento

(continua)

Provérbios em Língua Francesa	Tradução livre*	Considerações importantes salientadas no documento
<i>“Vient qu’on vive ensemble est égal à vient qu’on fasse palabre.”</i>	“Viver juntos é o mesmo que viver em discussão”	O texto informa que o provérbio tem origem na Costa do Marfim e os valores desse provérbio são diversos, tais como: tolerância, domínio de si, perdão e superação pessoal. Além disso, o documento afirma que ele é utilizado no gerenciamento do conflito, a fim de levar uns e outros a se perdoar, a superar suas diferenças. Os autores do texto chamam a atenção, que uma pessoa de espírito imaturo poderia interpretá-lo em um nível literal e pensar que evoca conflitos constantes. A discussão que os provérbios se referem estaria relacionada com a arte do diálogo e do poder do argumento. A vida em sociedade implica, necessariamente, a vivência de conflitos. Contudo, de acordo com o provérbio, é preciso perdoar uns aos outros e superar as diferenças.
<i>“Les dents et la langue se cognent souvent.”</i>	“Os dentes e a língua se chocam frequentemente.”	Provérbio apresentado com o mesmo registro, ou seja, na mesma linha de pensamento. Nesse caso, leva-se a entender que mesmo se chocando, podem viver juntos sem violência, e tanto um quanto o outro, são importantes para a boca. Por outro lado, esse provérbio tem como fraqueza o enfrentamento.
<i>“Deux eaux chaudes ne peuvent se refroidir.”</i>	“Duas águas quentes não podem esfriar-se.”	Na explicação desse provérbio, os estudiosos salientam que a coesão social e a paz entre os homens necessitam de sacrifícios e concessões de ambas as partes. Por meio dessa afirmação, é possível apelar para o senso cívico e a democracia. O referido provérbio também é apresentado como originário da Costa do Marfim.
<i>“Quand les habitants de la case se soumettent les uns aux autres ça donne longue vie à la Case.”</i>	“Quando os habitantes de uma região se submetem uns aos outros, isso dá longa vida à região.”	A análise desse provérbio leva-nos a acreditar na comunhão e no princípio de solidariedade entre os povos.

Quadro 1 – Análise de alguns provérbios salientados no documento

(conclusão)

Provérbios em Língua Francesa	Tradução livre*	Considerações importantes salientadas no documento
<i>“Deux hommes tombés ne peuvent pas se relever l’un l’autre.”</i>	“Dois homens caídos não podem levantar um ao outro.”	Provérbio apresentado com o mesmo registro, ou seja, na mesma linha de pensamento.
<i>“C’est quand l’intérieur de la termitière est refroidi qu’elle fait sortir des Champignons.”</i>	“Quando o interior do formigueiro está frio é que surgimos como cogumelos.”	Na explicação, os autores evocam a fertilidade, a produção, o apaziguamento e a paz. A paz é a condição fundamental do desenvolvimento social, do progresso, e do bem-estar dos povos. Origem do provérbio, conforme salienta o documento, é a Costa do Marfim, centro-oeste (Gabão).
<i>“Un seul bois de chauffe ne cuit pas la sauce.”</i>	“Um único pedaço de madeira não cozinha o caldo.”	De acordo com a explicação, o provérbio em tela salienta que a união faz a força e, em uma comunidade, a participação de todos é indispensável para a realização de projetos de utilidade pública. É, também, da Costa do Marfim, centro-oeste (Gabão).

Fonte: Elaboração das autoras com base em Lezou e Malanhousa (2013).

Nota: * Como os provérbios analisados estão inseridos nas culturas africanas, não dá para fazer uma tradução literal, visto que as culturas são, também, produções simbólicas.

A palavra “vida” aparece de forma repetida no documento. Uma vez que vivemos à procura da paz, a vida parece ser o cerne da questão. Esse pensamento é muito importante nos tempos atuais haja vista que a humanidade, ao longo da História, viveu quase sempre em guerra e na destruição do seu semelhante e do Planeta Terra. De certa forma, vivemos em uma cultura antívida.

Por outro lado, o discurso sobre comunhão, solidariedade e vida pode esconder questões cruciais para a aquisição da paz. Como ter paz com a exploração de um continente sobre o outro? Como ter paz com a falta de oportunidades educacionais e de saúde, além do não acesso à água potável que a maioria da população pobre vive?

Além da palavra “vida”, palavras e termos aparecem constantemente, tais como: “resolução de conflitos”, “tolerância”, “domínio de si”, “perdão” e “superação pessoal”. Foi possível observar que vários provérbios apontam para a necessidade da “cooperação” e a “resiliência”. Todas essas mensagens são importantes para o entendimento e a superação dos conflitos.

Os provérbios são sugeridos para serem trabalhados por organizações não governamentais (ONGs), por escolas e universidades, em comentários diversos, ou por meio de análises em teses e dissertações ou, ainda, mediante análise da literatura das tradições orais.

Alguns provérbios são indicados para serem utilizados em uma mesma comunidade, enquanto outros são indicados para comunidades distintas.

O documento sugere, também, que os provérbios poderiam ser integrados aos manuais escolares para se ensinar o civismo aos alunos ou servir de *slogan* para campanhas de sensibilização. O currículo e os livros didáticos seriam artefatos privilegiados para que esses provérbios pudessem mostrar sua força.

Entendemos que as condições mínimas existenciais precisam ser garantidas para que haja a paz. No entanto, não podemos esquecer, também, que uma dada realidade é construída por meio de uma trama discursiva, isto é, o discurso produzido está sempre dentro de um campo de saberes e conhecimentos desejados e afinados com certas metas a serem alcançadas nas sociedades (FISCHER, 2001). O plano simbólico discursivo é fundamental para alimentar cotidianamente a cultura da paz.

Considerações (in) conclusivas

É possível afirmar que, de certa forma, as preocupações deste estudo dizem respeito às tensões e aos desafios vividos no continente africano e à necessidade de construção de uma sociedade que viva em paz. Contudo, como vimos, é impossível viver em paz sem justiça social e oportunidade equitativa e digna para todas as pessoas.

Nessa perspectiva, aos olharmos para o documento analisado, nossas preocupações estiveram circunscritas ao desafio de entender como os provérbios podem ser utilizados, como elementos de importante ajuda na construção da paz no continente africano, particularmente por meio do currículo escolar. Para nós, o currículo tem duas dimensões: uma voltada para as relações sociais vividas no cotidiano das escolas, amalgamadas por valores, crenças e regras, que visivelmente podemos associar aos provérbios. De fato, é possível afirmar que os provérbios já fazem parte do currículo oculto da cultura africana. Precisam apenas sair da invisibilidade. A valorização dos ditados populares com potencial pacificadores é uma forma de mostrar, ainda, como a paz está presente na própria cultura do povo, ressaltando, portanto, que não é um fenômeno externo. Valorizar os provérbios que ressaltam a paz é uma forma de valorizar também a cultura popular que a eles deu origem.

Uma segunda dimensão refere-se às políticas curriculares de caráter governamental oficial, por meio da inserção dos provérbios como representantes legítimos de uma cultura, dentro dos saberes e conhecimentos que merecem ser ensinados às novas gerações. Ao fazê-

lo, estará colaborando para a valorização da própria cultura e de seu povo, resgatando os elementos que favorecem a cooperação, a solidariedade e a resolução dos conflitos, necessários à construção da paz.

A título de último esclarecimento, é possível afirmar que nem a escola, nem os espaços não escolares, nem os centros nos quais as decisões são tomadas sejam únicos na contemporaneidade e que suas práticas sejam homogêneas, iguais em todas as instâncias. Ao contrário, a escola, as ONGs e o Estado também adquirem configurações e formas variadas, embora todos tenham questões em comum. Essas questões não implicam apenas permanência, mas envolvem também resistências, transgressões e mudanças.

Nesse sentido, os ditados populares, entendidos como parte do patrimônio cultural imaterial de cada cultura e circulando no cotidiano curricular escolar, têm muito a colaborar na direção da construção da paz tão cara aos países africanos e no mundo como um todo hoje.

Referências

- AMORIM, R. M. **As práticas curriculares cotidianas**: um estudo da educação das relações étnico-raciais na Rede Municipal de Ensino do Recife. 2011. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- CARBONARI, P. C. Direitos Humanos: agenda teórica e prática. In: SAYÃO, S; PELIZZOLI, M. (Org.). **Fragmentos filosóficos**: direitos humanos e cultura da paz. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012. p. 65-82.
- COMMUNITY of practices. [S.d.]. Disponível em: <<http://cop.unescochair-unifi.it/en/project/homepage>>. Acesso em: 16 mar. 2016.
- FERRAÇO, C. E. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: _____ (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FERREIRA, H. M.; VIEIRA, M. S.P. O trabalho com o gênero provérbio em sala de aula. **Revista Línguas & Letras**, v. 14, n. 26, p. 1-18, 2013.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEZOU, D. G.; MALANHOVA, K. A. **Guide pratique des mecanismes endogenes de prevention, de gestion et de resolution des conflits en Afrique de l'ouest**. [S.l.]: Unesco, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002340/234046f.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

LOPES, A. C. Relações macro/micro na pesquisa em currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 619-635, set./dez. 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagem qualitativa: São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, E. Currículo e competências. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Org.). **Disciplinas e integração curricular**: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OREFICE, P. **African humanism for peace with eco-human development**: transdisciplinary participatory action research on traditional and innovative knowledge. [S.d.]. Mimeografado.

SENUFO. **África**: culturas e sociedades. In: SOCIEDADES tradicionais da África representadas no acervo do MAE. 2005. Disponível em: <<http://www.arteafricana.usp.br/codigos/glossarios/002/senufo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

SERRANO, C.; WALDAMAN, M. **Memória da África**: a temática africana na sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

SOL, H. M. P. F. Em meses de inverneira, histórias à lareira: provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade. **Carnets, Cultures littéraires**: nouvelles performances et développement, n. spécial, p. 105-113, automne/hiver 2009. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/viewFile/431/392>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

WENGER, E., MCDERMOTT, R., SNYDER, W. M. **Cultivating communities of practice**: A guide to managing knowledge. Boston, MA: Harvard Business School Press, 2002.

Recebido em 8 de maio de 2016
Aceito em 16 de outubro de 2016